

GONZALO LÓPEZ ABENTE  
*POETA DO MAR, DA MELANCOLIA E DA SAUDADE*

Por Hugo Rocha  
da Academia Galega

Quando, em 1949, fui, pela primeira vez, a Mugía, urna das primeiras pessoas a quem me apresentaram foi Gonzalo López Abente<sup>1</sup>. Como o santuário de Nossa Senhora da Barca, a «pedra d'abalar», o monte Corpiño, as rendas de bilros, Don Gonzalo era um motivo de curiosidade para os visitantes da vila. Pelo menos, para os visitantes com preocupações ou ocupações intelectuais. Morava na principal rua de Mugía e num dos principais edifícios daquela. Ali o visitei e, ao entrar no seu gabinete de trabalho, atochado de livros e várias coisas próprias do *habitat* dum homem de letras, não experimentei emoção inferior a experimentada ao entrar no templo da Barca, onde o coração da Mugía da fé e o da Mugía do mar palpitam em unísono. Essa dependência da casa de Don Gonzalo, onde, muitas vezes, voltei a entrar, para prestar culto ao orago desse templo da poesia, era, também, na verdade, um santuário.

Don Gonzalo era, por mais de um título, a figura mais notável de Mugía. Simples, modesto, afável só não conseguia apagar-se na paisagem humana da sua povoação natal porque a sua personalidade impunha-se por si mesma, naturalmente, sem esforço. Como o vento de Mugía não é para graças e a velhice não o suporta como a juventude, nunca vi o poeta, se o vento soprava rijo, encanado por aquela rua que desemboca em frente a ría, sem a *bufanda* ou o xale-manta que lhe dava o aspecto característico dum burguês friorento. O chapéu de feltro, ou o boné de pano, ou a boina galega, era, também, elemento indispensável ao seu indumento habitual. Os óculos escuros; natural proteção contra a lufada agreste, a insídia solar, o mal oftálmico, tornavam-lhe mais austero, mais grave o semblante doce e contemplativo.

- *Hola, don -Gonzalo!* - e não havia, naquela vila de pescadores e rendilheiras, quem o não saudasse com um respeito familiar, como se ele personificasse, com a sua bonomia amável, tudo quanto Mugía tem de grande e de pequeno, de invulgar e de vulgar, de extraordinário e de ordinário, como se ele fosse a própria Mugía de ontem, de hoje, de sempre que passasse, no seu passo medido, inalterável. Afeiçoei-me aquele homem cuja sossegada velhice era para mim uma espécie de sedativo contra a paisagem atormentada de Mugía. Se tudo, nessa vila, me interessava - e interessa - aos olhos, aos ouvidos, a alma, mais interessante se tornava tudo para mim com a presença de Don Gonzalo. Quando a notícia da morte do poeta me colheu de chofre, sofri rude abajo moral. Da última vez que estivera com ele em 1961, pungira-me a sua decadência mental. O lento naufrágio da razão é sempre um espectáculo penoso para quem o contempla. Tratando-se, porém, dum homem como Don Gonzalo, cujo convívio me havia encantado, quando a Galiza e a sua poesia, bem como outros temas, haviam alimentado a fogueira das nossas conversas, tão penoso espectáculo custava muito mais a contemplar.

Evoco o poeta de Mugía, agora, com a emoção com que se evoca um querido ser familiar. Mugía ficou mais longe de mim, agora que o seu poeta deixou de a habitar. Mais do que nunca, Mugía, sem essa voz lírica da mais cristalina pureza para sempre calada, única destas sete vozes do lirismo da Galiza que, directamente, cheguei a ouvir, converteu-se, para mim numa saudade maior.

---

<sup>1</sup> «Encontros com a Galiza», primeiro volume, páginas 34 e 41, e segundo volumem, página 22.

Posto que prosador também, com uma obra que o aponta a consideração de todos, Gonzalo López Abente era, fundamentalmente, poeta «O Diputado por Veiramar», romance de costumes em que perpassa a Galiza política dos começos do século corrente, é, sem dúvida, uma aguarela versicolor que não se contempla sem verdadeiro deleite. «O Novo Xuez», «Buserana», «Fuxidos ... ?», «O Escándalo». «Vaosilveiro» são, também, novelas impregnadas de galeguismo na forma e na essência que muito honram a prosa galega do próximo passado. A última, por certo a -sua obra-prima, é, por seu turno, urna novela de costumes com jus a toda a atenção e a todo o apreço. O teatro também lhe solicitou a pena e para ele escreveu a comédia «María Rosa». Os artigos que publicou na Imprensa patenteiam qualidades literárias com que só os autênticos escritores se abonam. A poesia, porém, era o elemento natural da sua acção literária. Por mais á vontade que se sentisse na prosa, caso é para dizer que na poesia se sentia como o peixe na água. Bom prosador, sem dúvida. Ótimo poeta, com certeza.

A sua biografia não era das mais opulentas em factos. Era a de um homem notável que circunstâncias várias não permitiram transcender certos limites no tempo e no espaço. Nasceu em Mugía, a 24 de Março de 1878 e em Mugia morreu em 23 de Julho de 1963. Era sobrinho direito, pela banda materna, de Pondal (Eduardo Pondal Abente, de seu nome completo), de quem herdou a veia poética. Não alcançou a altura poética do glorioso tio, que foi figura impar na poesia galega, mas não lhe ficou muito aquém na força do estro e na riqueza da temática. Tivesse sido menos tímido na sua convivência social e houvesse-o bafejado a aura literária que bafejou Pondal e a que a política não foi alheia (nada como o proselitismo político para cimentar, sólidamente, um edifício literário...) e, facilmente, López Abente teria conquistado prestígio literário da monta do do seu célebre parente.

Em Santiago de Compostela fez os seus estudos secundários e na Universidade da cidade apostólica se formou em direito. Nem a advocacia nem a magistratura o atraíram jamais, como tem acontecido com muitos homens munidos de diplomas de cursos superiores mas com pendor para as letras. Mandou o curso para as malvas e dedicou-se a actividades mais lucrativas, talvez, de que as forenses. Por longos anos, ocupou-se na terra natal, de depósito à ordem e a prazo, letras a receber e a pagar, contas-correntes, *et cetera*, na qualidade de director da sucursal dum banco da Corunha. O trato quotidiano com as cifras não lhe prejudicou o trato eventual com as rimas. Sem nunca deixar de ser bom dirigente de banco, foi sempre bom poeta, para não dizer, antes, bom escritor. Da sua banca de alto funcionário bancário continuou a contemplar o seu pequeno Olimpo galego, que foi, na emergência, por certo, aquele monte Corpiño de cujo cimo, vezes sem conta, contemplou o manso mar da ria e o mar bravo do oceano, aquele a elanguescer sobre a carícia da viração, este a encrespar-se sob o látego da nortada. Viajou, não muito, mas o suficiente para que os versáteis horizontes do Mundo, embora só de parte da Europa, se lhe alargassem ante os olhos ávidos de beleza e grandeza. Esteve na França e na Holanda e aí armazenou cabedais de cultura que, como homem de letras (não das de cambio, sim das outras, das que raro são objecto de negócio), não deixou de aproveitar. Fez um casamento de amor, mas, um ano depois, enviuvava. Viúvo permaneceu até morrer - e viúvo inconsolável, no mais exacto sentido deste desvirtuado adjectivo. Morta, a mulher querida foi a sua musa inspiradora. Se a melancolia característica do poeta era um produto característico da paisagem natal, de fundo telúrico portanto, estou certo de que o prematuro desaparecimento da esposa amada contribuiu, acima de tudo, para a fixar, a consolidar, fazer dela, em suma. O substrato da poesia de López Abente.

*Doce pamba,  
pamba branca;  
anda un corvo negro, negro,  
peteirando n-a miña alma,  
dende aquela tarde leda, que antre bicos  
te quedaches n-os meus brazos fria e pálida.*

A «doce pamba» da sua felicidade conjugal é evocada, por assim dizer anónimamente, em versos como estes:

*Hai tanto tempo ... e ainda  
sinto o lene terçopelo  
da tua mán, pálida e linda,  
enredar c'o meu cabelo.*

.....  
*Hai tanto tempo ... e aínda,  
nos días do meu outono,  
bico a tua cara linda  
na neboeira do ensono.*

A morta inesquecível está sempre presente nas suas recorda saudosas. A todos os instantes acompanha as palpitações do seu coração.

*Corazón, tí erel-o centro  
do mundo que levo dentro,  
(un mundo que o fado adverso  
nun curruncho pequeneiro  
quixeo facer milagreiro  
tan grande com'o universo),  
e no medio teu está  
a lembranza bendecida  
d'unha morta que inda da  
corda no reló da vida.*

Apesar da saudade cruciante, basta-lhe o coração para guardar as saudosas recordações.

*Fixen unha fogueira  
c'os recordos amados;  
os papéis perfumados  
da miña compañeira  
que fuxiu d' antre os nados*  
.....  
*Non será profanado  
aquele amar que un día  
nosas almas unía  
e que ainda calado  
nos teus papéis vivía;  
que a arder todos a eito  
no crepitante lume,*

*voiou o seu perfume  
cara o ceu, envolveito  
en gasa azur de fume.*

O desespero da viuvez atormenta-o. Não sei de poeta que tenha expresso mais persuasivamente a dor da sua soledade do que este, em cuja poesia há queixas de Leopardi, o poeta do amor e da morte.

*Infeliz de quen leva n-o seu peito  
O abismo d'un profundo desconsolo!*

O suicídio chega a tentá-lo, mas livra-se da tentação um tanto por masoquismo; o masoquismo do poeta alemão que aconselhou: «Faze da tua dor um poema».

*Cando choro, brasfemo  
pendurado n-a boca d'un abismo sin fondo.  
Penséi en deixarm'ir por él abaixo  
par'así, d'unha ves, rematar todo!  
Qué poider me detuvo?  
un misterioso roga  
formulado sin voz e sin palabras,  
qu' escoitéi de xionllos  
n-o tempo da miñ' alma vagorosa.*

Tanto como o amor á «pomba branca» que cedo deixou de arrulhar no ninho do seu lar, o amor á terra natal enche, a trasbordar, a sua obra poética: Mugía, a que o prefaciador do seu primeiro livro de poesia, Joaquín Arias de Miranda, chama «un pueblecillo costeño de la provincia de La Coruña. un bello rincón de quimera en medio de unos paisajes de pesadilla, rudos y bravios», lateja em toda a sua poesía, mais, por certo, no concernente ao mar que no concernente à terra. Nesse livro. «Escumas da Ribeira», que ainda nao aveza, talvez, a opulência de forma e essencia dos demais mas já se abona com um doce esplendor lirico que promete expandir-se, Mugía e quanto a cerca, na terra e no mar, constituem uma especie de obsessão para o poeta. Cantando o monte Corpiño com que os seus olhos de mugiano extremoso estão sempre a topar, o seu estro melancólico desentranha-se em versos como estes:

*Penedos, altos penedos  
do Corpiño vixiante;  
sodes com' o meu amor,  
tristes, barudos e grandes.*

O santuário da Barca, o monte do Villano (Vilán em galego), a furna da Buserana, os pinheiros altivos que lembram os dos pinhais gementes de Camilo em Seide, a que «os ventos tristes da miña terra, / os ventos tristes do vendaval», arrancam amargos queixumes, a Camposa solitária que, sin frescuras, sin verdes e co-as herbas muchadiñas, / simboliza á miña y-alma»: o Facho, «Facho altivo / d'espíñosas carrascas / e de fortes penedos»; toda a corografia mugiana, espiritualizada, sublimada, humanizada pelo dom demiúrgico do vate mugiano, dir-se-ia fremir nalgumas poesias de «Escumas da Ribeira». Toda ela ressumbra melancolia. Esse livro de López Abente dir-se-ia ter sido escrito com a pena molhada no sangue da saudade pela morta

idolatrada e da ternura pela adorada terra. Na última estrofe da antepenúltima poesia do volume, intitulada «Saudades, a saudade por aquela e a ternura por esta combinam-se no mesmo acento patético da alma dorida do poeta de Mugía:

*Eu non fun á fora,  
non sain da terra,  
e teño moi grandes  
e profundas penas;  
o mal das saudades medrou n-a miñ'alma  
sin sentil -o frio das patrias alleas,  
qu'ó niño qu'eu fixen, con tolo entusiasmo,  
baldeiro s'atopa des que marchóu ela.  
Por eso non teño pra donde volvere,  
pois total-as terras,  
por miña disgracia,  
pra min son alleas.*

Não sendo o maior e melhor livro de poesia de López Abente, «Escumas da Ribeira» é o mais impregnado de lirismo, no que esta designação comporta de tristeza, saudade, inquietação, anseio, isto é: naquilo a que me permito chamar o sentido galaico-português do lirismo. Embora Mugía e o seu termo impregnem, por seu turno, esse livro da sua presenta, nem mesmo esse fundo telúrico está isento da morbidez moral que lateja em toda a poesia de «Escumas da Ribeira», que, embora de longe, é um tantocomparável ao «Só» de António Nobre. É um livro de mágoa que começa por versos magoados:

*Adiós. miñas xoyas brancas,  
pombiñas do meu pombal:  
xuntas. n-un bando lixeiro,  
véxovos triste marchar*

e por estes versos magoados termina:

*Miña barca navega sin remos,  
a esperanza conmigo non vai!*

O maior e melhor livro de poesia de López Abente é, talvez, «Alento da Raza». Talvez, digo, porque não tenho a certeza (quem a tem ?) de que o seja. Menos subiectivo, senão no conjunto, pelo menos nalguns pormenores do seu conteúdo, do que o precedente, mais objectivo, por exemplo, no modo de captar a beleza e a grandeza da terra e do mar, é por certo, o livro de poesia de López Abente mais influenciado pela obra de Pondal. Influencia, bem entendido, não significa imitação. O sobrinho segue, nisto e naquilo, porventura, as pisadas do tio, mas jamais o decalca. A personalidade de López Abente é independente da de Pondal, mas o atavismo pondaliano transparece em muitas das páginas admiráveis do «Alento da Raza». O seu prefaciador, Aurelio Ribalta, avisadamente, escreve, salientando e louvando o galeguismo do autor: «Este feito parez abrire novos ourizotes á poesia rexionale. Si antes era meramente suxetiva, lírica, persoal do poeta, sin poder cantare a vida gallega mais que na sua modalidade aldeá, polo de agora parez ensanchárese a sua xurisdizi3n a toda a vida da terra, tanto na aldea como da vila». Referindo-se, pr3priadamente, ao livro que prefacia, escreve: «De tal

maneira este libro, mais que sere un atado de cousas inconexas, e coma un poema, unha obra de conxunto: o poema da nosa costa do Noroeste, vista a través do temperamento do poeta. O autor deste libro é o poeta de aquela costa». Reconhecendo no autor do «Alento da Raza» «un dos mais espelidos, escorreitos e ben prantados poetas da Galicia de oxe», observa, com acerto: «A característica deste libro e a forza. Non hai nel queixas desmorecidas, sinón afirmacións escorreitas, rexa disposición pra a loita, confianza no porvir seguro e venturoso. A existencia mesma da terra que el canta, a costa muxiá, parécelle a o poeta un poema real, feito vida imortal e solene pola vontade dos deuses». E acrescenta, acertadamente, também: «Estrofas deste poema son: o facho e mai la furna, o coído e mai lo praiazo deserto, os piñeirás e mai las irtas gandas onde as fadas peneiran o orballo dos dias calmos, ou onde os demos fan remuíños de area dos areás cando sopra toleirón o vendabal enrabexado. Estrofas deste poema son a muiñeira e mais a regueifa, o alalala e mai lo aturuxo». López Abente canta, na verdade, a Galiza dos seus horizontes de sempre, a Galiza da sua Mugía, da terra e do mar que toda a vida teve nos olhos e nos ouvidos, assim como na alma. A génese da sua pátria galega; a terra e o mar, com toda a fenomenologia da Natureza: a música. e a dança do seu país galego: o trabalho local, as indústrias domésticas, a lavoura e a emigração : as crenças e as superstições : um canto à raça: tudo isso forma o texto do «Alento da Raza», repartido por seis partes. E, como livro de poesia, um dos mais galegos de quantos conheço. sendo a que nele se ouve uma das mais galegas de todas as vozes do lirismo da Galiza que repercutem nos meus ouvidos e na minha alma. E, também, um livro de poesia em que por assim dizer, se faz a apologia do idioma da Galiza, se bem que o seu autor empregue «o subdialeto muxián, que ié moi ben acusado, sobretudo na sua fónica, anque sin deixar de selo tamenque na sua morfoloxía». O galego de López Abente, assim como o do seu prefaciador, não é, exactamente, o mesmo que outros poetas e prosadores empregam, sendo consideráveis as suas diferenças, como, por certo, os meus leitores conhecedores da lingua mais aparentada com a portuguesa tiveram o ensejo de verificar através daquilo que, aqui, transcrevo. «Alento da Raza» é urna espécie de «Magnificat» da Galiza de López Abente. Dedicado á memória dos dois seres que mais amou, a mai e a sua mulher, personifica nestas, por assim dizer, a sua Galiza familiar. Há muita poesia épica entremeada na poesia lírica do «Alento da Raza». Em «O Héroe» e «Loita», por exemplo, o estro forte e viril de Pondal dir-se-ia inspirar o estro de López Abente. É o mesmo vigor da frase, é a mesma monumentalidade do tema, é a mesma amplitude da visão. Sem deixar de ser lírico, é, quanto a mim, o menos lírico, no sentido galaico-português do lirismo, dos livros de poesia de López Abente. Mas que riqueza de imagens, que altura e que profundidade de ideias e sentimentos, que poder de expressão ! Galego, galeguíssimo, não- conheço livro de poesia que mais e melhor do que ele retrate a Galiza e o seu povo. Na verdade, a raça respira por ele e o seu alento, ora *piano* ora *forte*, ora *smorzando* ora *sforzando*, tem nele o que quer que seja de sinfónico.

Ao cantar a «Costa Brava», termina o seu canto com esta explosão de galeguismo:

*Y-os homes fortes d'esta baruda terra  
cantan alegres no fragor d' esta guerra,  
porque eles saben que aquele é o alento  
do pai da raza que se axita no venio.*

Cantando as «Rias Mansas», o seu canto reflecte bem a mansidão das rias. Dos másculos acentos do mar aberto transita para as feminis blandúcias das rias fechadas. É todo ternura, é todo suavidade.

*Tesouro, rico tesouro  
que soilo garda Galicia,  
coma pelra n-unha cuncha  
no fondo mar escondida:  
eu non che poido cantare  
que a miña vos é cativa  
pra cantarche cal mereces  
abondan as túas fillas,  
que son doces coma ti  
e son coma ti garridas.*

No robusto e vibrante lirismo do «Alento da Raza» perpassa toda a Natureza da Galiza. Se toda a criação poética de López Abente não fosse, como é, um espécie de ciclo da realidade galega, o «Alento da Raza» bastaria para constituir. Uma espécie de síntese desse ciclo. Ao mesmo tempo, se mais livros de poesia não houvesse publicado, o «Alento da Raza», que, dentro e fora da Galiza, não é tão conhecido e admirado como o poderia e deveria ser, chegaria, avonde, para promover a glória do poeta. O autor, porém, não se mostra satisfeito com a sua obra e, na poesia final, que se chama «A Miña Obra» confessa, a rematá-la:

*o que fixen, foi esto que vedes:  
unha ruin obra de valor valdeira ...  
mais. sexa o que queira,  
esta obra ruin ahi a tedes.*

Passarei sem especial referencia o terceiro livro de poesia de López Abente, «D'Outono», colectânea de sonetos a que o poeta projectara dar o título de «Froles d'Outono» e em que o seu nobre lirismo se desentranha, também, em valiosas gemas, deter-me-ei no seu quarto livro de poesia, «Nemancos», que é, por assim dizer, a apologia em verso da sua terra natal e de tudo quanto os mais dilectos lugares da sua vida representam para ele. Manuel María, que fez o necrológio do poeta, prestando-lhe a homenagem a que tinha jus, escreveu<sup>2</sup> acerca da paisagem inspiradora do vate mugiano estas palavras significativas: «La tierra de Bergantiños, labradora y marinera, masculina siempre, - roxa ao arar, nobre e testa ... - es la tierra de Eduardo Pondal, el bardo. Es la tierra que Pondal pobló de hadas, guerreros y druidas. Tierra mítica, irreal casi, en la que habitan los héroes fabulosos y verdaderos a los que dió vida la poesía pondaliana, cuya herencia recogió López Abente. En López Abente la tierra de Bergantiños y la de Nemancos toman una forma épica, temible y poderosa. Son tierras que sólo escuchan la voz del viento asolando las gándaras y la voz del mar, atronadora y temible». Na sua «História de la Literatura Gallega», Benito Varela Jácome traça o elogio entusiástico de «Nemancos». É, na verdade, um livro excelente. Enquanto o «Alento da Raza», por assim dizer, se consagra do genérico da Galiza de López Abente, «Nemancos»

---

<sup>2</sup> De «Recuerdo al Patriarca de la Poesía Gallega .. ~\_~».Noticia de Gonzalo López Abente», in «El Progreso», de Lugo, de 10 de Agosto de 1963.

consagra-se ao específico. Mugia tem a honra de motivar a poesia de abertura <sup>3</sup> e o poeta arranca da sua lira para cantar a querida terra natal, os acordes mais maviosos, Ouçamo-lo.

*Brandamente deitada no medio da ribeira  
e ollando cara o ceo, acouga silenciosa  
a branca e melancónica e doce compañeira  
dos outos penedás da brava costa nosa.*

*Tecelana d'ensoños, fabrica na almohada  
as rendas milenarias dos albos areales  
que treman milagreiros, na mañán encalmada,  
nos reflexos azús dos mariños cristales.*

*E nos días de inverno, cando a fera tormenta  
desatada en furores enrabexada alenta,  
envolta no mantelo de vaporosa bruma*

*satisfeita sorrie e soña adormecida  
no leito mol e morno que a iauga remexida  
ofrécelle con tombos e folerpas de escuma.*

Quando digo que «Nemancos» se consagra ao específico da Galiza de López Abente, não quero dizer que o poeta exprima a preocupação corográfica e topográfica de cantar todos os lugares que, especialmente, lhe interessam. Se, em «Nernancos», há muito da terra natal de López Abente, muito mais há da emoção pessoal do poeta com motivações diferentes das de carácter corográfico e topográfico. A sua morta querida continua presente, como uma obsessão arraigada, em todo o livro. Logo na terceira poesia do volume, «Hai tanto tempo ... », a saudade viva patenteia-se, se bem que muito menos cruciante que em «Escumas da Ribeira», que é, suponho, o livro da viuvez recente. Enquanto, em «Escumas da Ribeira», a recordação da mulher amada ainda é dilacerante e grita de desespero, em «Nemancos», porque o tempo, embora não a extinguisse, leniu a dor da soledade, mostra já certa resignação:

*Sosegado o corazón  
vou contigo paso a paso  
a entrar na branca mansión  
que o misterio ergue no ocaso.*

Se todas as poesia de «Nemancos» ressumbram melancolia (não conheço, em toda a poesia da Galiza, nada mais melancólico do que a poesia de López Abente), há outra força, esta de carácter mesológico, a actuar nesse livro: a do mar. Mais do que em «Escumas da Ribeira», o mar está presente em «Nemancos». O poeta exalta não só as «bestas desbocadas / as revolvidas olas / que os duros ventos firen / c'o ferro das esporas». mas tamém «o mar, galán namorado», que «canta nas craras rompentes / amansado». Fala em «un fero mar que alenta / con rexa rebeldía», nas «ondas escumosas» que «veñen en tola carreira / a esfachicárense dentro / do seo da furna

---

<sup>3</sup> Na poesia «Compadecédevos d'ela» do mesmo livro, o poeta canta, também, enternecidamente, a sua querida terre natal.



negra» e, possesso de paixão elo seu mar, atira-lhe estes versos, como os *aficionados* atiram os seus chapéus aos *diestros* que os fazem delirar de entusiasmo:

*O mar!  
O meu mar!  
O mar que eu vexo,  
nestes días de inverno,  
gris, abalante,  
inquedo, forte e rexo,  
a cólera a roubar do fondo averno  
e a bater nas orelas, escumante  
de rabia e de furore, nun épico loitar!*

A doçura da ria que lhe fica ao pé da porta, o poeta prefere o azedume do oceano. O lírico converte-se em épico para cantar seu mar, sobretudo o mar bravo da costa mugiana que só tenho visto e ouvido no Verão mas que, no Inverno, tem uma beleza e uma grandeza dominadoras e alucinantes.

*Este mar que derruba co-as paredes das hortas,  
desfaise contra os cons e sobe pol-os cabos;  
que corre pol-as rúas ribeiranas e tortas  
antre as casas homildes dos mariñeiros bravos.*

*Este mar belicoso que a costa brava asedia,  
que as ondas esnaquiza n-unha branca fervenza  
i en escumas de prata no cantil as destrenza ...  
é o gran creadore d'unha eterna traxedia.*

Mesmo na sua poesia saudosista, de queixumes nostálgicos, como a de «Retorno»<sup>4</sup>, que lembra Guerra Junqueiro, umas vezes, Teixeira de Pascoaes, outras, López Abente é, essencialmente, um poeta marítimo, isto é: os seus versos denunciam a presença, próxima ou distante, do mar, sabem a mar, soam a mar como os búzios que lhe guardam o rumor. Para mim, «Nemancos» é não só o mais marinho dos livros de poesia de López Abente mas também o mais marinho dos livros de poesia jamais escritos na Galiza.

A poesia de López Abente, insisto, é, sobretudo, de inspiração marítima. Que outra coisa da Natureza havia de cantar com mais amoroso enlevo um poeta de Mugia, dessa península miniatural dia e noite ora embalada ora açoitada pelo mar, consoante o vento o acaricia ou o morde? Pondal também cantou o mar, o seu mar de Bergantiños, mas López Abente cantou-o, quanto a mim, não só mais mas também melhor. O parentesco poético dos dois é consequência, por certo, do parentesco não só familiar, do sangue, mas também telúrico, dos lugares que habitaram. «Centileos nas Ondas», o quinto e último livro de poesia de López Abente, consagra, definitivamente, se assim me é lícito exprimir, a paixão do poeta pelo mar. Nas «Verbas Limiares» que precedem os versos finais do poeta mugiano, Sebastián Risco escreve, acertadamente: «Gonzalo López Abente, espírito sempre aberto á contempranza da nosa natureza, sentiu agora o aneio de ecoar a voce i espellar a imaxe do seu mar de Muxía, ista vegada como personaxe senlleiro do seu mundo poético. E ó facelo, coidarás, leitor, que non acada o

---

<sup>4</sup> In «Nemancos».

murmurio i a lus das augas infindas como si volvera da terra, tomándolle as costas á terra, mais dándolle ó mar un senso e unha sinificanza familiar, atal é como si, na urxencia anguriosa dos anos, quixera compretar a súa obra lírica - chea de maturidade nos seus devanceiros libros *Escumas da Ribeira*, *Nemancos*, *D'Outono* e *Alento da Raza* - contando a imensa aperta que o mar venlle dar a Galiza», Assim é, com efeito.

Toda a poesía de «Centileos nas Ondas» está, também, impregnada de mar, daquele mar de Mugía o, que é, certamente, do mais inspirador que conheço na Galiza. É um mar que, por vezes, parece o de António Nobre no «Só», um mar humanizado e, por tanto, espiritualizado. Tem razão o prefaciador de «Centileos nas ondas» ao escrever que «o mar que resoa nistas páxinas, como no ceo dun irisado caramuxo, non é un mar suxerido ou aludido, senón cinguido ó corazón do poeta por unha longa amizade: coñeido e amado». «O mar de «Centileos nas Ondas» -escreve também, Sebastián Risco - «é, de certo, un mar cinguido é espírito do poeta, recreado nil, refundido en fondas e brillantes imaxes cuio escintilar non nos priva de velo como mar auténtico. Iste libro é pra min, discreto leitor, un fermoso retrato lírico do mar». O mar de López Abente não é bem o que os demais poetas galegos têm cantado. É um mar muito dele, muito preso à idiosincrasia do poeta «rítmico e podencioso, non é somentes colo de saudades, nin o fero e baril oucéano, nin o mar da poesía «abstracta», valeiro de cór, cheiro e sabor... Sin deixar de ser berce de dóres, grandeiro e inxente, vivace e veraz, é, sobor de todo, fonte de belidos símbolos, que fan no brardo lombo das augas matriarcaes do lírico ronsel. Árbore de fronda simbólica é iste libro, con raíces no seo das augas inquedas e misteriosas».

Ao contrário de Noriega Varela, que entendia que, por ser muito bravo, o mar não se podia cantar, López Abente encontrava nele, apesar da braveza, prodígios de fascinação. A poesia de abertura de «Centileos nas Ondas», assim também intitulada, é o elogio fremente do mar, o público reconhecidamente dos seus encantos, e maravilhas, sem deixar de lhe apontar os perigos, sem deixar de lhe exprobar as perfídias. Não sei, na poesia de qualquer povo com o mar por *leit motiv*, de versos mais impregnados da verdadeira essência marítima do que esses. Se bem que o mar, para López Abente, seja, às vezes, mais de doçura que de amargor, como se a alma do poeta se deixasse embalar pela meiguice-das barcarolas do seu mar de Mugía, esquecida das fúrias do oceano que, pelo Inverno, chicoteia a costa da peninsulazinha com fúrias desmedidas, o conjunto da poesia de López Abente, relativamente ao mar, é, talvez, mais de acusação que de defesa. Em poesias como as intituladas. «Devolto», «Náufragos», «A Traxedia», o poeta acusa, por vezes com veemência, mas a acusação não consegue disfarçar o arroubo. Mesmo quando impreca, o poeta canta. O mar malfazejo e traiçoeiro provoca-lhe assomos de ira, mas, por trás destes, adivinha-se, entremostra-se, apercebe-se o amor ao mar. Mas, sempre que esse amor tem ensanchas para se manifestar à vontade, em que torrente de afagos a alma do poeta se desentranha, como se não quisesse perder a oportunidade de lhe prestar vassalagem, como se anelasse pelo momento de se lhe entregar, rendida, apaixonada, voluptuosamente! As dores do poeta casam-se bem com as fúrias ou as blandicias do mar. O mar, muitas vezes, é o confessor do poeta. Este faz aquele as suas confidências, as suas queixas, conta-lhe os seus segredos, expõe-lhe os seus devaneios. O mar consola-o. O mar anima-o. Furioso ou blandicioso. O seu mar de Mugia é o seu amigo predilecto, inseparável, o seu maior e melhor amigo. Talvez, se não houvesse nascido e vivido junto do mar, López Abente não houvesse sido o poeta que foi. Depois de o ter lido e, sobretudo, depois de o ter ouvido, concluo que foi o mar o fator, o inspirador, o estimulador da sua criação de poeta. Medularmente lírico, entendendo que a poesia era «un don divino caído nista triste terra pra consolo das dores e alimento das almas: o maná bíblico do pobo elexido de Israel». López Abente foi,

quanto a mim o o maior e melhor poeta do mar que jamais teve a Galiza, uma espécie de Josef Conrad da poesia galega. Para ele, porém, o mar, quase só limitado ao seu horizonte mugiano, não dispensava a terra para se impor aos olhos, aos ouvidos, a alma do poeta. Por isso, na poesia de López Abente, embora o mar prepondere, a terra está sempre presente, seja como uma realidade dramática seja como uma sugestão lírica. Mas na sua prosa, na sua prosa de ficcionista de garra, o mar lá está, também, muitas vezes, másculo, soberbo, majestoso, elemento indispensável à terra eleita para as histórias do novelista.

Nas minhas visitas a López Abente, algumas vezes a nossa conversa derivou para um assunto que o poeta sabia ser do meu particular interesse: o dos «discos voadores» e engenhos congéneres. Contagiado por mim, o poeta incluiu numa das suas últimas poesias uma oportuna referência ao assunto. Nessa poesia, publicada numa revista de Buenos Aires em 25 de Julho de 1958 e inédita em livro, o lírico converte-se em épico e o atavismo pondaliano, mais uma vez, manifesta-se, por modo concludente. Na verdade, se o lirismo do López Abente de «Escumas da Ribeira», «Nemancos», «Centileos nas Ondas» se assemelha ao lirismo do Pondal dos «Queixumes dos Pinos», certas poesias do «Alento da Raza» e, sobretudo, a que, a seguir, transcrevo distinguem-se pelo mesmo acento épico que vibra, por exemplo, em «Os Eoas». Esta «Triloxia», que o autor, amavelmente, me dedicou, é, por mais de um título, uma das poesias mais representativas do nobre espírito de López Abente, aberto aos ventos de todos os quadrantes da vida. É a poesia dum artista, mas é, também, a poesia dum pensador.

#### AINDA

*Ainda quedan carballiños tortos  
polos chans das devesas demouçadas.  
Ainda, cobreviven algúns náufragos  
nas arnelas da costa en rebeldía..  
Ainda hai vellos que sofren antre as poutas  
dos pesadelos ruíns, crudés, noitébregos  
que na escurada bulen e atormentan.  
E proseguen queixándose os piñeiros  
que soben pola encosta cara o ceo...  
Xurden Santas Compañas nos adrás  
e pregan os difuntos nos vieiros  
que os ceiben das mortallas terreás.*

#### DANTES

*Penedos abatantes, nobres celtas  
nos castros cos seus Bardos a cantar  
ademirando o sol que polas nites  
estrícase a dormir riba do mar.  
Breogán, Breogán, tras del navega  
Gran heroi das primeiras descubertas!  
Troveiros e segrés dos romanceiros,  
Honor da nosa língua medoeval!  
Arcebispos e Condes señoriás:  
Sant-Yago soterrado en Compostela!  
Catedral, Porta-Groria, Berenguela*

*e o gran Botafumeiro a perfumar  
a granítica xoia universal.*

AGORA

*Pois, agora, Coresma, xexún, rependimento,  
atómicos estudos do infinito firmamento,  
e, confiado na radioatividade, parte  
nos «pratiños voyantes» que retornan a Marte.*

Pertencente a urna geração literária em que pontificaram um Cabanillas e um Noriega Varela e de que só resta Victoriano Taibo, último abencerragem do lirismo galego do passado, Gonzalo López Abente, apesar de finado há pouco, era, na verdade, um poeta do passado. Se a sua vida, como escreveu um dos seus biógrafos, foi «humilde, sencilla y rutinaria, sin pompas externas, llena de franciscana austeridad», a sua morte, com a luz da razão apagada, quem sabe se pelo constante e violento sopro da sua dupla obsessão, a da morta querida e inesquecível e a do mar querido e absorvente, foi a dum poeta num mundo que já não era o seu, embora ainda fosse, quanto à Natureza, o mundo que havia simbolizado na terra e no mar de Mugia. Como se disse na biografia citada, «López Abente, para las jóvenes promociones de escritores gallegos, era casi un mito». Na verdade e, essa voz da Galiza do lirismo, apesar de há pouco extinta, dir-se-ia ter soado há muito. Mas não se calou de todo. Na alma da Galiza, pelo menos, continua a fazer-se ouvir. Creio bem, até, que nao cessará de soar.